

O FANTÁSTICO NOS CONTOS DE ARTHUR ENGRÁCIO, BENJAMIN SANCHES E CARLOS GOMES

AZEVEDO, Kenedi Santos³⁰

1. INTRODUÇÃO

A Literatura escrita no Amazonas é conhecida por ter como pano de fundo, na maioria dos casos, marcas regionalistas: a floresta, o caboclo, o rio, as lendas, etc. O objetivo deste trabalho é fazer uma abordagem onde colocar-se-á a contística amazonense, em especial as obras *A Vingança do Boto*, *Contos*, de 1995, , o *outro e outros contos*, de 1998, *Mundo mundo vasto mundo*, de 1996, de Arthur Engrácio, Benjamin Sanches e Carlos Gomes respectivamente em uma perspectiva do Fantástico, sem deixar de lado os *topoi* citados anteriormente.

A escolha das obras acima referenciadas deu-se por conterem em suas narrativas cenas entendidas como insólitas, fora do comum e às vezes inverossímeis para a realidade humana, fazendo perguntar o porquê de tais eventos, nascendo uma perturbação no leitor ante esses acontecimentos considerados absurdos. É o que Todorov chama de hesitação.

A primeira condição para o Fantástico segundo o teórico, como ficou dito, é a hesitação, porque “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2010, p. 31). Irleamar Chiampi complementa essa idéia dizendo que o Fantástico é:

A vacilação do leitor entre uma explicação racional dos fatos narrados (o fantasma como alucinação, por exemplo) e uma explicação sobrenatural (os fantasmas existem), a impossibilidade de optar por

30 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Portuguesa – UERJ.

qualquer das alternativas, constitui o dado objetivo que se projeta no discurso como questionamento das duas ordens que o leitor conhece: a natural e a sobrenatural. Os limites de ambas as normas, de ambos os códigos, são relativizados, pela irreconciliação dos fatos narrados, seja com a razão, seja com a não-razão (CHIAMPI, 1980, p. 55).

E continua:

O Fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu 'possível' é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor, nada além da **incerteza**. A falácia das probabilidades externas e inadequadas, as explicações impossíveis – tanto no âmbito do mítico – se constroem sobre o artifício lúdico do verossímil textual, cujo projeto é evitar toda asserção, todo significado fixo (idem. p. 56) [negrito nosso].

Essa hesitação para Todorov e vacilação para Chiampi, será comum entre a personagem e o leitor que serão conduzidas pelo narrador a decidir no final da história narrada, se o fato por eles experimentado é ou não real, prevalecendo assim, do começo ao fim do relato, uma ambiguidade, que logo será um dos traços que levam ao Fantástico. No entanto, se a personagem e/ou o leitor escolherem uma possibilidade de solução, a empírica ou a sobrenatural, haverá uma saída do Fantástico, entrando para um dos outros gêneros muito próximos: o Estranho ou o Maravilhoso. Se optar pela solução empírica tem-se então um acontecimento Estranho. Agora, se escolher uma solução em que as leis naturais são deixadas de lado, estará diante do Maravilhoso, viu-se deste modo que o Fantástico vive um constante risco de deixar de ser.

Portanto para que um acontecimento possa ser considerado Fantástico é necessário que o leitor fique sem solução em relação ao evento insólito, com incerteza em todo o fato narrado. Como diz

Vânia Pimentel (2002), “[...] tudo que escapa à compreensão comum, lógica racional, ou, ainda, o que gera hesitação, medo angústia, conservando-se a dúvida até o final, [é] condição indispensável ao gênero” (p. 20).

Adentrando um pouco mais nesses gêneros, veremos que há uma relação íntima entre eles, sendo assim, não há como separar o Fantástico dos demais. Dessa relação passam a existir então, os subgêneros transitórios: Fantástico-estranho e Fantástico-maravilhoso. Ambos surgem de um longo tempo de hesitação diante do sobrenatural por parte do narrador e do leitor no decorrer do relato, mas se em algum momento esse fenômeno for explicado de forma natural, chamar-se-á deste modo, Fantástico-estranho; se houver a hesitação por demorado tempo e o evento sobrenatural for aceito por parte do narrador e do leitor, dir-se-á que é Fantástico-maravilhoso. Todos eles serão bem entendidos na análise dos contos a seguir. Começaremos pelo Fantástico puro, em seguida abordaremos uma narrativa com tendência ao Fantástico-maravilhoso e por fim analisaremos um conto considerado Fantástico-estranho.

2. O FANTÁSTICO NO CONTO *O ESTROPIADO*, DE BENJAMIN SANCHES

Antes de qualquer coisa, algumas considerações sobre o escritor.

Benjamin Sanches (1915-1978) estreou sua vida literária escrevendo poemas para o “Jornal do Comércio” com o pseudônimo Azziz. É um dos participantes ativos do Clube da Madrugada ao lado de outros nomes da Literatura escrita no Amazonas. Publica seu primeiro e único livro de poesias pela editora Sergio Cardoso & Cia. Ltda. no ano de 1957 com o título *Argila*. A orelha do livro traz a seguinte declaração, feita pelos editores, sobre a estréia do, então, poeta:

Benjamin Sanches: é o novo poeta que surge aproveitando, assim, as vantagens de um movimento literário cujos elevados propósitos já começam a modificar a fisionomia até pouco tempo carrancuda – e sem o menor arejamento – das letras amazonenses. Perguntais quem é ele? Na verdade leitor, temos diante de nós um nome completamente desconhecido nas rodas intelectuais da província, e que, pela primeira vez, aparece no frontispício de um livro de versos, se bem que tenha publicado na imprensa de Manaus (EDITORES, 1957).

Seis anos depois lança mais um livro, agora de contos, intitulado *o outro e outros contos*. O ano é 1963. Foram suas únicas obras. Faleceu em 1978 e “Mal passada a primeira década de sua morte, ninguém mais lhe lembrava sequer o nome. Dificilmente alguém sabe quem ele foi de fato, onde nasceu e morreu ou como viveu” (GRAÇA, 1998, p. 13). Ironia ou não, a passagem anterior e as palavras de Antônio Paulo Graça têm algo em comum, sobretudo se levarmos em consideração duas palavras: desconhecimento e esquecimento; exatamente isso, Benjamin Sanches ficou por anos esquecido do mundo das letras amazonenses, e deve-se ressaltar que ele não foi o único. Benjamin Sanches destaca-se por seus escritos com tendência modernista, exemplo disso são seus contos, todos escritos com letras minúsculas e alinhados à direita, sobre isso Nícia Zucolo discorre:

Benjamin Sanches pode ser lido como um daqueles que se preocupou em realizar sua obra através da ficção, ali efetuando a pesquisa formal, voltando-se para o seu “instrumento de trabalho”, isto é, a própria linguagem. O estilo peculiar, alinhando os parágrafos pela direita, desconsiderando iniciais maiúsculas, por certo causou estranheza na ocasião de sua publicação, sem mencionar os contos: um inseto consciente, viagens insólitas, linguagem alegórica, presença do maravilhoso, da loucura sob diversos aspectos (ZUCOLO, 2005, p. 82).

E tece considerações desse esquecimento pelo qual o escritor e suas obras passaram:

Ao se considerar a fase heróica do Modernismo, deixam-se de fora os estados periféricos ao eixo Rio-São Paulo, por terem-no como centro de efervescência cultural do país, e até manifestações que possam ser enquadradas como “condizentes” ao ideal de renovação estética passam despercebidas pelo grande público, muitas vezes por desconhecimento ou descaso. Com isso, cometem-se injustiças, deixando de lado obras consideráveis referentes ao projeto modernista, no sentido de não apenas conferir uma identidade cultural ao país, mas quanto ao projeto experimentalista e renovador das letras brasileiras mesmo, caso em que se insere a contística de Benjamin Sanches (idem.).

A partir do começo do século XXI, surgiu o interesse em pesquisar as obras desses grandes homens, desde então, surgiram artigos, ensaios e até dissertações, fazendo justiça a tais escritores. Apesar de tudo, os intelectuais da região não têm reconhecimento e prestígio fora do âmbito regional, nem mesmo nas academias das faculdades de Letras; poucos são os que têm esse privilégio.

Depois dessa apresentação vamos à leitura do conto em questão.

No conto *o estropiado* conhecemos Jerônimo, “um matador de peixe”, que diferentemente dos demais pescadores não utilizava as redes para pescar, dava preferência à bomba “com ela conseguia melhor pesca com menos tempo de trabalho” (SANCHES, 1998, p. 25). Em umas dessas aventuras pesqueiras acabou perdendo a mão, contudo, “apesar de ter perdido as mãos, não abandonaria a pesca fácil da bomba, pois, habilmente arremessava-a do ângulo formado pelo braço e antebraço e, disso, se vangloriava constantemente” (idem.). Temos até aqui a construção da figura de Jerônimo feita pelo narrador, a diferença entre ele e os outros homens daquelas

redondezas. Em primeiro lugar, ele não é chamado de pescador, mas sim de “matador de peixe”, isso mesmo um “matador”. Outra curiosidade é a perda de seus membros. A partir deste ponto, o estropiado é transformado em um monstrengo, um ser que é admirado e ao mesmo tempo transmite medo a certas pessoas. A teimosia, a impaciência e a ira são algumas de suas características. No entanto na voz da negra Isaura ele era: um pobre-diabo!

Além da figura assustadora em que Jerônimo se tornou com a perda dos membros, há no conto o espaço que o narrador cria no decorrer da narrativa, principalmente quando o homem vai à pesca:

remara mais de trinta quilômetros ao longo daquela **noite branca de luar**, e, no momento, deveria levar ao máximo a sua faculdade atenção, no entanto, a lembrança daquelas imprecações traziam-no nervoso. parecia-lhe que aquelas palavras retornavam em forma de unhas desfiando os seus nervos, enquanto **a neblina da madrugada gelava a sua pele** (SANCHES, 1998, p. 26) [negrito nosso].

O narrador constrói uma atmosfera sombria e assustadora, preparando o leitor para os acontecimentos vindouros; e é nesse ambiente soturno que Jerônimo e um menino que o acompanha vão a mais uma caçada aos peixes. Tenta atirar a primeira bomba, mas ela não funciona, causando assim um início de cólera, o menino escondido no jereré – espécie de abrigo feito de palha e armado na canoa em forma arqueada –, fez o sinal-da-cruz, enquanto o matador de peixes, impaciente, prepara-se para atirar a próxima bomba.

[...] encostou-o na brasa do cigarro que esmagava entre os lábios, mas antes de arremessá-la, o petardo, na violência do seu furor cego, espedaçou-lhe a cabeça e atira o seu corpo na água, que depois de mostrar o seu sangue, julgara tê-lo escondido para sempre. o estampido depois de haver rolado pelo verde da folhagem, espantando as aves, perdeu-se na crista daquela região quase deserta (p. 27).

E a narrativa prossegue:

o imaterial de Jerônimo acaçapou-se na proa envolto em maciça fumaça que foi crescendo para os lados e para cima até se tornar transparente, tirando-o daquele esconderijo sem o deixar sentir que não era alguém. mesmo desagregado do corpo não perdera a sua inatividade. no pensar existir passou a existir no pensar (idem.).

Está-se neste momento diante de um acontecimento que não é normal em sua naturalidade, a partir deste ponto surge a dúvida, aquilo que Todorov chama de hesitação e Chiampi denomina vacilação: Por que depois de ter a cabeça despedaçada com a explosão da bomba, Jerônimo, ainda assim não perdera sua inatividade? Até o momento pode-se dizer que o evento em questão é Fantástico, já que em nenhum momento há uma explicação para esse ocorrido com o matador de peixes.

O menino conseguiu salvar-se nadando até a margem do lago, em seguida foi até as outras pessoas contar o que havia acontecido, a morte de Jerônimo pela bomba. Muitos já sabiam que isso poderia acontecer e lembraram-se da teimosia do homem. A negra Isaura acrescenta “era o último da família dos martins e nunca quis se casar. teve uma vida cheia de nada e uma morte que ninguém perdeu ou tirou proveito dela” (p. 27), mais uma vez a descrição do homem é de alguém fora do normal. Voltando ao local do acidente, presenciamos o momento em que “saiu daquele fulcro de trevas, onde agonizou o seu corpo [...]”. Aqui, destaca-se mais uma vez o ambiente que tende para o fantasmagórico, ou seja, um ambiente das narrativas do Fantástico.

O conto chega a seu final e continua-se sem saber a resposta para a pergunta feita logo acima, o porquê de tal fenômeno, a ambigüidade ante o natural e o sobrenatural prevalece sem pender para uma aceitação ou explicação.

a frágil embarcação levada pela correnteza, descia desgovernada. as pesadas gotas da chuva, acumulando-se em seu bojo, ameaçavam-na soçobrar. Jerônimo, não encontrando a cuia encuiou a mão e esgotou-a. na ilusão do ainda sou, toma o remo e passa a navegar sem cabeça e sem os braços. acompanha-o agudo assobio de uma brasa sonora que tenta escapar do seu pescoço decepado (p. 28).

Portanto, no conto *o estropiado* há sim um evento Fantástico, e Fantástico puro, já que em nenhum momento houve uma explicação empírica ou sobrenatural para tal fato, além dos *topoi* que ajudam a classificá-lo como conto Fantástico: noite branca de luar, neblina da madrugada, região quase deserta, as pesadas gotas de chuva no final, navegar sem cabeça, o assobio agudo entre outros. O ar fantasmagórico fica claro no final quando nos deparamos com a cena em que Jerônimo “toma o remo e passa a navegar sem cabeça e sem os braços”. Sem explicação natural ou sobrenatural, estamos diante de um conto, afinal, Fantástico. No outro tópico conheceremos um dos seus subgêneros.

3. O FANTÁSTICO-MARAVILHOSO NO CONTO DO FUNDÃO DAS ÁGUAS: O CASTIGO, DE ARTHUR ENGRÁCIO

Assim como Sanches, Arthur Engrácio também fez parte de um dos mais atuantes grupos de escritores do Estado do Amazonas, O Clube da Madrugada. Nasceu em Manicoré no dia 16 de abril de 1927. Começou a vida literária a partir dos anos sessenta, sua estreia fora com a publicação do livro *Histórias do Submundo*. Seguido de outras obras de ficção, entre elas o livro *A Vingança do Boto*, objeto de nossa pesquisa, que fora lançado em 1995 pela Rio Fundo Editora, fazendo parte da Coleção Literatura Regional Brasileira.

O conto em questão começa com o diálogo entre alguns pescadores em um lago. Os pescadores querem deixar esse lago,

porque “os peixes estavam ficando vasqueiros, difíceis”. Nesse momento começa a inquietação do leitor em saber o motivo de os peixes estarem sendo difíceis de caçar. Um deles, por nome Argemiro, sugeriu o uso da bomba, os outros não gostaram da ideia, e um deles disse: “Mas o patrão já proibiu, Argemiro. *Dizque* a bomba acaba com os peixes numa vez, e é uma malvadeza!” (ENGRÁCIO, 1995, p. 07), mas Argemiro “lhes ponderou não fossem na conversa do patrão. Se não pegassem os peixes, não comeriam nem pagariam o que deviam no barracão. Não viviam daquilo?” (idem.). Como os outros não estavam conseguindo persuadi-lo a não usar a bomba por saberem que ele era “um cabra ladino e estúrdio, tem boa conversa e etcétera e tal” (p. 08), tentaram outro motivo: Dizer que o lago era encantado e havia no fundo das águas o rei dos peixes.

-Tu pode não acreditar, mas nós já vimos ele várias vezes quando vamos pescar no lago. É um tucunaré disconforme de grande, paidegão, e suas escamas amarelas, de tão lisas, rebrilham ao reflexo da lua como lâminas de ouro. Em noites enlustradas ele bóia e fica contemplando o céu talequal um boêmio apaixonado. Vem fardado de tenente, o bichão e fuma um baita charuto. Nos seus olhos a gente percebe só bondade e ternura. Pelo visto, não é um peixe mau e a gente não deve instigar ele (ENGRÁCIO, 1995, p. 08).

Na passagem tem-se a descrição do que seria o monstro do lago, o protetor desse lugar, apesar de tudo isso, o personagem principal não acredita na história contada pelos pescadores, fazendo com que o leitor também deixe de acreditar, se há ou não esse monstro no lago. O ceticismo é um dos aspectos que mantêm os fatos no âmbito do Fantástico: “- Já vi caboco arara, mas como vocês ainda tou por ver! – debochou”.

Depois de todas essas declarações e ponderações por parte dos companheiros, Argemiro decidiu ir à sua casa pegar as bombas para

caçar os peixes, não estava preocupado com aquilo que os colegas haviam falado nem com a ordem do patrão. No caminho de sua casa, resmungou: “Peixe quando está com manha de não morder o anzol ou cair na tarrafa, só tem mesmo aquele remédio” (idem.). Chegou ao barracão pegou todo material de pesca e voltou.

No meio do lago, parou. Na brasa o cigarro acendeu o primeiro petardo e atirou-o nágua. Não lhe ouvindo o estampido característico, arremessou o segundo. Esperou desta vez o tempo necessário para que produzisse efeito e, não obtendo-o, preparava-se para lançar o terceiro, quando uma onda gigantesca de peixes estrondou ao redor da canoa. Sem dar tempo ao caboclo de esboçar qualquer reação, foram saltando dentro da montaria. Sardinhas, aracu, matrinchão, pacu, jaraqui, aruanã, curimatá, tambaqui, canela-de-velha, mapará, traíra, branquinha, pescada, pirapitinga, por fim, foram chegando os maiores, os surubins, os pirarucus, os capararis e os dourados. Com o salto de uma pirarara, a canoa começou a afundar (ENGRÁCIO, 1995, p. 09-10).

Nesse momento entramos em contato com um evento insólito. Isso começa quando as primeiras bombas jogadas por Argemiro não estouram, seguido pela presença da onda gigantesca de peixes que saltaram para dentro da canoa do homem. Até aqui há um acontecimento que pode ser considerado Fantástico, já que em nenhum momento o personagem acha uma explicação para o ocorrido. E o conto continua descrevendo o ataque dos peixes ao caboclo, para além dos saltos e batidas: “Agora executavam uma espécie de balé ao som de estranha música cujos acordes emergiam do âmago escuro das águas” (p. 10), nesta passagem confirmamos nossa hipótese de que o fato pode ser considerado Fantástico. Depois de tudo isso, Argemiro acorda às margens do lago, na areia, nu, pensando que havia tido um pesadelo: “mas ali não havia casa nem rede, só rio, os pássaros, a terra, as árvores” (idem.). Em seguida surge o que já fora definido com primordial para que haja o

Fantástico: a hesitação por parte da personagem, “Onde estava sua canoa? E aquelas escamas colada em sua pele? E aquele pitiú intragável que lhe desprendia do corpo?” (ibidem.). Sua hesitação é acompanhada pela do leitor.

No final do conto há a seguinte passagem, importante para classificação da narrativa na perspectiva do Fantástico: “Não, não fora sonho. Longe, no fim do estirão, comandado pelo tucunaré fardado de tenente, viu ainda o imenso cardume rebrilhando ao sol as escamas prateadas” (p. 11).

Diferentemente do conto *o estropiado* em que não há uma explicação para o insólito, neste o personagem aceita a explicação sobrenatural que fora dita anteriormente pelos seus companheiros. Filipe Furtado diz:

Mediante esses processos, para além de declarar admissível a incredulidade perante o teor insólito da história e de representar o papel de **cético convencido**, o narrador [e o personagem] deixa, expressa ou implicitamente, ao leitor a incumbência de avaliar por si próprio a veracidade da história (FURTADO, 2011) [negrito nosso].

Argemiro torna-se o cético, convencido segundo Furtado pela aceitação, no final do conto, daquele fato como a história contada pelos outros pescadores. Como ficou declarado acima, quando o personagem e o leitor optam por uma explicação, deixando de lado a ambigüidade criada pelo natural/ sobrenatural, foge-se do Fantástico. No entanto, neste conto de Arthur Engrácio, há um personagem que aceita o fenômeno como sobrenatural, levando-nos a concluir que *Do Fundão das Águas: o Castigo* pode ser classificado como Fantástico-maravilhoso. Se ele tivesse aceitado os fatos como pesadelo ou sonho seria outra classificação que é o que propomos fazer no conto seguinte.

4. O FANTÁSTICO-ESTRANHO NO CONTO *PRETO E BRANCO*, DE CARLOS GOMES

Nasce em Manaus no dia 15 de junho de 1936, o escritor Carlos Gomes, fez parte do grupo de artistas amazonenses que compunham o Clube da Madrugada, lança pela União Brasileira de Escritores a primeira edição de seu livro de contos *Mundo mundo vasto mundo* em 1967, obra envolta por narrativas que fogem, muitas vezes, das estruturas comuns dos contos. Temas como o folclore, a vida provinciana, as mazelas do povo, permeiam os relatos que compõem *Mundo mundo vasto mundo*, sem falar naquelas narrativas em que o insólito é o assunto prevalecente. E é um desses contos, *Preto e Branco*, que tomaremos como objeto de nossa pesquisa, sobretudo, no que se refere à realização de eventos sobrenaturais em seu enredo.

A construção do fantástico está mais estruturada no conto de Carlos Gomes. Desde o primeiro contato com a narrativa no parágrafo inicial tomamos conhecimento de que estamos em presença de um acontecimento fora do comum. Há um narrador que convida o leitor para adentrar nesse ambiente obscuro onde se passa a ação que começa assim:

Abriu os olhos na meia escuridão. Não os esfregou, mas foi como se o tivesse feito. Tudo esfumado, qual filme velho em preto e branco. Vultos atormentados se movimentam. O homem, mesmo jazendo, bracejava, queria desembaraçar-se da trama, me larguem. Inútil. Os vultos estavam entranhados nele e o mais estranho é que o homem não era senão um deles (GOMES, 1996, p. 41).

O ar sombrio é apresentado desde o início. O espaço é descrito como “esfumado, qual filme velho em preto branco” e com seres que provocam medo ao personagem, tidos como “vultos”, surgem como entidades fantasmáticas que estão ali para atormentá-lo. Até agora

esses seres são vistos como vultos, a primeira personagem que surge é chamada de "A mulher feia".

A mulher feia fazia trejeitos aliciadores. Ela se chegara imperceptível como a velhice. Escorrera, licorosa, até o homem. Silenciosa, qual um réptil. E agora, com aquela sua maleabilidade de fêmea, procurava acomodar-se ao seu lado. Suas mãos apascentavam os cabelos dele, o homem via que as extremidades dos dedos se alongavam que nem garras. **Dava medo** (idem.) [grifo nosso].

Essa mulher é a verdadeira representação de uma personagem pertencente ao gênero Fantástico. Neste momento temos uma das características que fazem deste conto uma narrativa desse gênero, a hesitação e o medo que aqui são sentidos pelo narrador e transmitidos ao leitor que pode ou não aceitar. E o relato continua com a perseguição da mulher feia ao personagem que, até agora, não fora descrito. Sabemos apenas que é um homem. Outra figura do conto é "um menino de feições desconhecidas" que aparece catando arroz e depois desaparece sem mais nem menos. A mulher aproxima-se mais ainda, entretanto, o homem não conseguia ver-lhe o rosto. Eles tiveram certo contato, trocaram beijos: "Quando os corpos estertoraram, o homem [perguntou] cadê a mulher? Desaparecera". Mais uma vez a hesitação perante a ação desses seres que aparecem e desaparecem diante da personagem. Percebe-se que até agora não há uma explicação para os fatos, ninguém sabe de onde a mulher e o menino surgiram nem para onde foram. O que se sabe é que ele abriu os olhos no meio da noite e começou a ver seres em forma de vultos e em seguida a mulher feia e o menino. Fatos irrealis, cenas incomuns, principalmente quando surge outro menino, só que agora, é um menino moreno que fala grosso e que tem a fisionomia da mulher feia. Em dado momento lembra-se do jornal onde leu sobre uma vigarista que fora presa no dia anterior, de início pensou não conhecê-la: "Mas o close-up retificava, conheces sim. Os olhos de

retina escorrida borrando a íris, a fisionomia tosca da mulher ridícula, não havia tergiversar. Eram as mesmas!”(GOMES, 1996, p. 44). Ficou com raiva da mulher e tentou esbofeteá-la. Nesse trecho pensa-se que a personagem consegue resolver todo o mistério dos acontecimentos estranhos, até então narrados, quando na verdade, tudo será esclarecido no trecho a seguinte: “Bem que tudo não passara de um mau sonho” (idem. p. 45).

O personagem descobriu que os eventos sobrenaturais que aconteciam era apenas um sonho, ou seja, há uma explicação racional para todos os fatos, fazendo com que aquilo que poderia ser chamado de fantástico passe a ser considerado Fantástico-estranho. Tudo isso nos faz concluir que o conto *Preto e Branco*, para além de ser uma narrativa do Fantástico, é uma narrativa situada na transição com o estranho, já que desde o início dos relatos a hesitação e a ambigüidade são mantidas até a personagem e, logo, o leitor aceitarem a explicação empírica: o sonho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há outros contos que compõem as obras desses autores que podem ser considerados Fantásticos, contudo optamos por trabalhar com os três por terem maior relevância em relação àquilo que fora proposto no início.

Por isso, os contos dos três escritores amazonenses, Benjamin Sanches, Arthur Engrácio e Carlos Gomes podem ser enquadrados no âmbito da Literatura Fantástica, o primeiro como Fantástico-puro, o segundo como Fantástico-maravilhoso e o último como Fantástico-estranho.

Claro está que a tentativa de leitura desses escritores não se restringe apenas a temas regionalistas, nem mesmo do Fantástico como fizemos, mas a temas que vão além dessas perspectivas,

passando por assuntos que podem ser entendidos como universais como a política, o existencialismo, a vida urbana, entre outros.

Fazer o resgate dessas obras é valorizar o que temos de melhor no cenário literário, não só regional, mas nacional e universal.

REFERÊNCIAS:

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ENGRÁCIO, Arthur. **A Vingança do Boto, Contos**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1995.

FURTADO, Filipe. **Fantástico (Gênero)**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso: 21/03/2011.

GRAÇA, Antônio Paulo. "Os mistérios de Benjamin Sanches" In: SANCHES, Benjamin. **o outro e outros contos**. Organização: Tenório Telles. 2. Ed. rev. Manaus: Editora Valer, 1998.

GOMES, Carlos. **Mundo mundo vasto mundo**. 2. Ed. rev. aum. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996.

PIMENTEL, Vânia. **Narrativas do além-real**. Manaus: Editora Valer, 2002.

SANCHES, Benjamin. **o outro e outros contos**. Organização: Tenório Telles. 2. Ed. rev. Manaus: Editora Valer, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ZUCOLO, Nícia Petreceli. O ignorado Benjamin Sanches e o Modernismo: uma leitura inicial de sua obra no contexto brasileiro ancorada no conto "A Gravata" In: **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas**. Ano 5, n. 2. Manaus: Edua/Ufam, 2005.